
ICAA | MFAH

AMÉRICA LATINA GEOMETRIA SENSÍVEL

coordenação **ROBERTO PONTUAL**

Edições JORNAL DO BRASIL / GBM

DO MUNDO, A AMÉRICA LATINA ENTRE AS GEOMETRIAS, A SENSÍVEL

ROBERTO PONTUAL

Este livro liga-se intimamente à exposição Arte Agora III / América Latina: Geometria Sensível, que o JORNAL DO BRASIL, a empresa Light e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro decidiram realizar entre junho e julho de 1978, na continuidade de um ciclo de mostras que se vem desdobrando, no museu em causa e sob o mesmo patrocínio, desde 1976.

A primeira das Arte Agora cuidou de levantar um panorama da jovem criação plástica brasileira, a partir de obras de 75 artistas surgidos e/ou afirmados no país do final dos anos 60 até aquela data. Para conservar-lhe memória, preparou-se um catálogo no formato tablóide, em papel de jornal, bem mais informativo do que interpretativo. A Arte Agora II, em 1977, agrupou no MAM 12 conhecidos artistas do Brasil — pintores, desenhistas, gravadores e escultores de regiões, gerações e tendências muito distintas, mas todos identificados com o que foi a idéia-mestra do evento: uma Visão da Terra, proposta de amostragem e debate envolvendo uma possível definição de *arte brasileira*. Em termos de profundidade e prolongamento, já se conseguia, então, ir além da pura exibição de obras, amparando-as didaticamente através de mesas-redondas e do lançamento do livro *Visão da Terra*, com longas análises sobre o trabalho de cada um dos 12 artistas ali representados.

O alcance internacional da terceira Arte Agora — esta de 1978 — tornou indispensável cercá-la dos mesmos ou de maiores cuidados didáticos. Disto, o livro presente é o testemunho mais imediato. Ele não só reflete e, em parte, registra a presença das 200 e poucas obras componentes da mostra, como, sobretudo, procura ampliar, clarificar e aprofundar os seus objetivos e significados. Procura dar-lhe uma espinha dorsal, a garantia de permanência da idéia básica como foco de conhecimento e discussão.

Tratemos primeiro, portanto, do que vem a ser a mostra Arte Agora III / América Latina: Geometria Sensível. Na sua origem, estão dados gerais e outros mais particulares. Dentro e fora do nosso continente, cresce a olhos vistos o interesse em torno da arte produzida por artistas da e/ou na América Latina. Fenômeno ainda não avaliado a fundo em todas as suas motivações e implicações, inclusive as extra-estéticas, a verdade é que especialmente de 1975 para cá se acumulam as provas de aceleração da tendência. Em fins do ano referido, houve o duplo simpósio sobre arte e literatura atuais na América Latina, promovido pela Universidade do Texas, em Austin. Em 1977, a Bienal de Paris, sempre pouco propensa a abrir-se para áreas além do eixo Europa/EUA, abrigou um conjunto expressivo de obras oriundas de latino-americanos. E 1978 já nos ofereceu uma segunda Reunião Interamericana de Diretores de Museus de Arte, na cidade mexicana de Oaxaca, antecedendo a Arte Agora III, a I Bienal Ibero-Americana de Pintura do México, o I Encontro Ibero-Americano de Críticos de Arte e Artistas Plásticos, em Caracas, e a mos-

tra inaugural da série latino-americana da Bienal de São Paulo, voltada para o tema Mitos e Magia. Um leque de eventos suficientemente comprobatório do interesse que aí está, envolvente e crescente.

Mas este zelo *latino-americanista* parece já vir provocando as primeiras preocupações com as forças que o movem e com o destino que o espera. É que num sistema em que o consumo de massa atua como regra-de-ouro e a renovação compulsiva da mercadoria a exaltar é seu fundamental corolário, o momentâneo estado de graça da arte dita latino-americana pode em grande parte resultar de uma hábil manipulação multinacional, expediente para abrir e explorar novos mercados. Daí a necessidade de encarar e assumir cautelosamente os esforços de busca de uma identidade nossa, de um *caráter* específico da América Latina. Bem lembrava o crítico e ensaista uruguaio Emir Rodriguez Monegal, em Austin: "Se nos preocupamos tanto em saber se somos ou não latino-americanos, já estamos colocando mal a questão. Claro que somos latino-americanos. Que se há de fazer? Temos cara de australianos? Estamos falando em algumas das línguas orientais? Somos fatalmente latino-americanos. E uma das características do latino-americano é perguntar-se o que é um latino-americano. Por quê? Porque nos impuseram de fora essa busca de identidade".

A escolha do tema América Latina: Geometria Sensível para nortear a terceira edição da série Arte Agora, e a maneira pela qual ele veio a concretizar-se sob a forma de mostra e de livro, sempre levaram em conta as circunstâncias e as cautelas acima mencionadas. Menos do que um evento festivo, grandioso e loquaz, avocando o fenômeno naquilo que ele tem de modismo, a Arte Agora III quis ser uma alternativa mais orgânica, abrangente e minuciosa no levantamento de dados e no confronto de manifestações que envolvem uma das vertentes fundamentais na problemática da arte latino-americana deste século: a do caráter construtivo, ou construtivista, que se tem anotado tão visceral e frequentemente na obra dos que dela, de um modo ou de outro, participam. Sim, são todos artistas nascidos na América Latina, ou vindos para aqui, os que têm obras suas na exposição ou povoam as páginas deste livro. Nem por isto, no entanto, o evento se considera na linha do desvelo latino-americanista. Porque propõe um tema, trata de exemplificá-lo, indaga sobre os seus fundamentos e o entrega aos olhos e ao raciocínio de todos. Sem veleidade de proselitismo.

O ponto de partida para a definição de propósitos da Arte Agora III surgiu quando Angel Kalenberg, diretor do Museu Nacional de Artes Plásticas de Montevidéu, me acenou, em meados de 1977, com a possibilidade de apresentar no Brasil a retrospectiva do período construtivista (1928-1944) de Joaquín Torres García, por ele organizada em 1975 para o Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris. A oferta era atraente, por muitos motivos — antes de mais nada, pelo quase total desconhecimento que ainda mantemos, no Brasil, em relação ao pensamento e à obra desse importantíssimo pintor e teórico uruguaio, morto em 1949 aos 75 anos de idade. Trazendo cerca de 60 pinturas, diversas delas de grandes dimensões, e uma série de pequenos objetos em madeira incisa e pintada, de Torres García, estaríamos ao menos começando a corrigir grave lacuna no nosso panorama plástico contemporâneo. E, também, a propiciar novos elos para o melhor entendimento da manifesta vocação construtiva, aqui e no resto da América Latina.

Aceita a proposta e confirmada a sua viabilidade, pensei desde logo que ela ganharia dinamismo se enriquecida com peculiaridades do momento que estamos vivendo. A visão da sala especial latino-americana na Bienal de Paris e da mostra do Projeto Construtivo Brasileiro na Arte — 1950/1962, em São Paulo e no Rio, mais ou menos à mesma época do contato inicial com Kalenberg, convenceu-me da oportunidade de colocar, num único recinto, dois núcleos distintos, mas naturalmente interligados: no primeiro, as obras construtivo-simbólicas de Torres García, uma das matrizes fundamentais do interesse pelo rigor e a disciplina na arte deste continente; no segundo, um conjunto qualificado da produção recente de artistas latino-americanos vivos, todos concentrados na preocupação por um trabalho precisamente construído. O objetivo era estabelecer uma ponte do começo do século até a atualidade.

E o termo que encontrei para batizar essa ponte foi *geometria sensível* — nem sequer com pretensões de ineditismo, uma vez que os críticos argentinos Damián Bayón e Aldo Pellegrini já o haviam utilizado em diferentes circunstâncias prévias. A única desejada novidade no seu uso, de minha parte, foi propô-lo, agora, como arregimentador de um complexo de aproximadamente 200 pinturas, desenhos, esculturas e objetos, cuja execução, de Torres García aos jovens de hoje, cobre os extremos de um período de 50 anos. E, também, de conferir à idéia de *geometria sensível* tanto a amplitude quanto a precisão neste caso indispensáveis.

Convém esclarecer um pouco mais os contornos do termo, antes de indicar aqueles outros artistas que o concretizam na mostra. A junção de dois elementos à primeira vista conflitantes — *geometria* supõe cálculo, frieza, determinação, rigor, exercício da razão; *sensível* sugere imprevisibilidade, animação, alternância, indeterminação, prática intuitiva — contrapõe-se a uma segunda junção aparentemente mais compatível: a que confronta *geometria* e *programa*. Ao dividir assim

os campos da disposição construtiva, em arte, pretendia eu isolar, operacionalmente, os pólos da idéia e do programa, da intuição e do cálculo, da abertura e da clausura, do plurisensorialismo e da estrita visualidade, de modo a lançar um pouco mais de luz sobre essa bifurcação que tantos já souberam discernir no emprego do partido geométrico: para um lado, segue a geometria *sensível*; para outro, a *programada*. Mas sabendo, primeiro, que essas polaridades jamais se projetam com absoluta nitidez e pureza na obra de arte e, segundo, que nada prova a superioridade imanente de um caminho sobre o outro. Pareceu-me apenas, de imediato, que a *geometria sensível* tem mais a ver conosco, latino-americanos, do que a *geometria programada* — por motivos que ainda precisamos investigar cautelosamente, embora não seja difícil deduzir seus fundamentos. Disse certa vez o escultor colombiano Edgar Negret: "Penso muito no homem pré-colombiano. Era um homem angustiado, como o atual. E produziu uma arte completamente contrária ao seu mundo — uma arte de lógica, rigorosa, geométrica".

Se na pintura e nos objetos de Joaquín Torres García ainda se tem como perceber, sempre, algum resíduo de referência ao mundo concreto — afinal, para ele o caráter simbólico seguia passo a passo a exigência de construção — nos trabalhos dos 26 artistas latino-americanos vivos, que aceitaram o convite para participar da Arte Agora III, o abandono de qualquer apoio nas formas prévias da realidade exterior à obra, se não é absolutamente radical em todos eles, constitui ao menos uma das primeiras e mais firmes constantes a aproximá-los. É o que nos provam as pinturas, desenhos, esculturas, objetos e ambientes dos mexicanos Vicente Rojo e Enrique Carbajal Sebastian; dos venezuelanos Alejandro Otero e Jesús Rafael Soto; dos colombianos Edgar Negret, Omar Rayo, Carlos Rojas e Ana Mercedes Hoyos; do peruano Orlando Condeso; dos uruguaios Washington Barcala e Nelson Ramos; dos argentinos Marcelo Bonevardi, Mercedes Esteves e Jacques Bedel; e dos brasileiros Alfredo Volpi, Mira Schendel, Amílcar de Castro, Arcangelo Ianelli, Rubem Valentim, Eduardo Sued, Avatar Moraes, Antonio Dias, Adriano d'Aquino, Paulo Roberto Leal, Ronaldo do Rego Macedo e Wilson Alves — alguns residindo há mais ou menos tempo fora de seus países de origem. Para que a escolha não se processasse a frio, na distância, contatei-os diretamente não só em viagens pelo Brasil, como (com a única exceção de Soto, trocando correspondência) durante circuito que fiz de New York a Buenos Aires, no início deste ano. Cada um dos artistas citados participa da mostra com trabalhos recentes, na maioria dos casos em número de cinco; quando reproduzidos no livro, a legenda desses trabalhos vem acrescida de um asterisco.

É certo que a seleção dos artistas poderia ser outra, e maior ou menor, dependendo de quem a fizesse. Mas aqueles que agora a compõem (três dos originalmente convidados não puderam aceitar a convocação) nela se incluem sob a dupla justificativa da qualidade da obra e de sua mútua compatibilidade, numa mostra que almeja sobretudo tornar orgânica — isto é, ao mesmo tempo articulada e flexível — a apresentação de um tema específico.

O livro, enfim, vai além dos limites da pura amostragem das obras. Na sua primeira parte, reúne sete estudos especialmente preparados para ele, cobrindo desde uma visão geral da vocação construtiva na arte da América Latina e da presença pioneira da obra de Joaquín Torres García, neste sentido, até o levantamento do ponto de partida geométrico (e, aqui, não apenas o *sensível*) na criação plástica do Brasil, do México, da Venezuela, da Colômbia e da Argentina de hoje. Pelos textos em causa, responsabilizaram-se os críticos Frederico Morais (1936), autor, entre outros, do livro *Artes Plásticas / A Crise da Hora Atual* (Rio, 1975); Angel Kalenberg (1936), diretor do Museu Nacional de Artes Plásticas de Montevidéu; Jorge Alberto Manrique (1936), diretor do Instituto de Investigações Estéticas da Universidade Nacional Autônoma do México; Marta Traba (1930), argentina hoje em Caracas, de quem tivemos lançada há pouco no Brasil a edição em português de seu *Dos Décadas Vulnerables en las Artes Plásticas Latinoamericanas* (México, 1973); Eduardo Serrano (1939), curador do Museu de Arte Moderna de Bogotá e de quem o último livro editado foi *Un Lustro Visual* (Bogotá, 1976), de ensaios sobre a arte contemporânea colombiana; e Damián Bayón (1915), outro argentino que deixou o seu país e reside atualmente em Paris, autor de vários livros, entre os quais *Aventura Plástica de Hispanoamerica* (México, 1974). Coube a mim elaborar o estudo a respeito da disposição construtiva ou construtivista na arte brasileira, desde o início do século.

A parte final do livro compõe-se de material informativo, em texto e imagem, sobre os artistas que aceitaram incluir-se na mostra Arte Agora III / América Latina: Geometria Sensível. A eles pediu-se um depoimento inédito em torno do sentido que observam no desenvolvimento de seu trabalho; quando disto não se pode dispor (o que ocorreu em menos de um terço dos casos), foram utilizados textos anteriores, dos próprios artistas ou daqueles que melhor os focalizaram.

Para a edição do presente volume foi de fundamental importância a adesão do colecionador Gilberto Chateaubriand, que a ele se dispôs a acrescentar sua chancela editorial. Lembre-se ainda, para concluir, a colaboração prazerosamente dada ao projeto da mostra e do livro por toda uma vasta lista de pessoas e entidades sem as quais o corpo de idéias e de obras que agora se entrega ao público não teria ido além da capacidade de imaginar e da vontade de realizar.